

UMA CUNHAGEM DESCONHECIDA DE MAXIMUS

Henrique Nogueira e Filipe Teixeira

Em meados de Março do ano de AD 235, o imperador Alexandre Severo e sua mãe Julia Mamaea são assassinados pelos seus soldados no acampamento romano, cerca de Mainz.

Na busca desesperada de um sucessor foi escolhido um militar com vasta experiência de administração, conhecido pela sua firme disciplina, membro da Ordem Equestre, tendo servido sob vários imperadores e em várias frentes - C. Julius Verus Maximinus.

Após ter sido reconhecido pelo Senado, aconteceu que este nunca viria a conhecê-lo pessoalmente.

Desde o início foi evidente a hostilidade do Senado para com Maximinus, ao ponto de tentarem assassiná-lo e designarem um tal Magnus como imperador.

A tentativa foi brutalmente castigada.

Maximinus voltou as costas ao Senado e dedicou-se à campanha na Germania.

No Inverno de AD 235-236 Maximinus havia retirado para Sirmium (Mitrovica, na Sérvia, cerca do Danúbio). A notícia das suas vitórias chegava a Roma.

Maximinus assume o título de Germanicus Maximus, enquanto a seu filho, que o acompanhava nas campanhas e que recentemente nomeara Caesar, atribui o título de Germanicus.

Durante os anos de AD 236 e 237, com quartel general em Sirmium, o imperador vigia a fronteira do Danúbio.

Em Março de AD 238, o proconsul Gordiano, em África, instigado por jovens nobres, revolta-se, assassina um procurador de Maximinus e aceita a púrpura imperial, associando a si o seu filho.

Roma e o Senado rejubilam com o facto e declaram Maximinus e seu filho Maximus inimigos públicos. Elegem uma Junta e convidam as províncias a renegar a sua lealdade para com o Imperador.

Após algumas semanas de reinado os Gordianos são derrotados em Cartago e mortos pelo governador da Numídia.

Face à rebelião conduzida pelo Senado, Maximinus prepara-se para a invasão da Itália. Em Roma teme-se a ira do Imperador.

Mesmo assim, em Abril de AD 238 o Senado escolhe como Augustus, D. Caelius Balbinus e Marcus Pupienus, que apoiam o neto de Gordiano - M. Antonius Gordianus (III) como Caesar.

Pupienus parte para o norte para interceptar Maximinus. Este, entretanto, alcança Aquileia (c. de Trieste, no norte de Itália) onde lhe são recusados apoios para os seus soldados. A insistência no cerco, o mal estar das tropas leva aos primeiros sinais de amotinação e nos finais de Maio, Maximinus e seu filho são assassinados.

Pupienus regressa a Roma onde é aclamado.

A situação não está ainda pacificada. Cresce um sentimento de desagrado contra o Senado entre a guarda pretoriana. Em fins de Junho de AD 238 os militares tomam o assunto entre mãos - Balbinus e Pupienus, após um reinado de quase cem dias, são assassinados e Gordiano (III) então com treze anos de idade é aclamado imperador.

Foram quatro anos de instabilidade, marcados pela fragilidade da posição do Senado frente à vontade do poder militar.

Há cerca de dois anos observei um pequeno lote de moedas romanas do séc. III entre as quais se encontrava um sestércio de Maximus.

A peça estava coberta por várias concreções cúpricas o que dificultava a sua leitura. Fora encontrada em achado fortuito à superfície, na Andaluzia espanhola.

Não consegui classificá-la recorrendo às habituais obras de referência.

Dado o seu aparente interesse procedeu-se à sua limpeza por um especialista.



Descrição:

A — Busto togado à direita. Cabeça descoberta, face jovem, imberbe. Cabelo penteado, mas curto.

C IVL VERVS MAXIMVS GERM

R — Hermes de pé à esquerda, segurando bolsa na mão direita e caduceu.

PIETAS AVG

No campo: **S C**

Peso: 21,970 gr.

Diâmetro: 31,99 mm.

E. V.

Espessura
no centro: 4,09 mm.
no bordo: 3,52 / 3,73 mm.

É provável, como pensa Pink, que Maximinus tenha atribuído o título de Caesar a seu filho e adoptado para ambos o de Germanicus antes do Senado ter votado a sua ratificação, no início de AD 236. (1)

E o desprezo para com o Senado estendeu-se à produção de moeda tendo este em qualquer caso reconhecido posteriormente estas atitudes.

É geralmente aceite que a totalidade da cunhagem de Maximinus e Maximus, em todos os metais, tenha sido feita em Roma.

A cunhagem em Aes foi claramente abundante - são muito comuns - diminuindo para o final do período.

Para Maximinus é possível que alguns denários tenham sido produzidos no Oriente.(2)

Houve igualmente cunhagem de peças bárbaras, como aconteceu com todos os imperadores deste tempo. (3)

Com este reverso - Hermes - o imperador Maximinus cunha na Mysia (ver von Aulock 1138) e Maximus na Bithynia (BMC 13, 120, 18).(4)

A hipótese de produção numa oficina oriental foi investigada, sem sucesso, apesar de von Aulock afirmar que o título de Germanicus nestes imperadores surgir unicamente em moedas cunhadas em Roma. (5) (6)

Não é possível tratar-se de um híbrido. Herennius Etruscus e Hostilianus recuperam este reverso - Hermes v. Mercúrio - em AD 251 mas a legenda é ligeiramente diferente.

A troca de correspondência com outros investigadores permite as seguintes considerações e hipóteses:

- No estado actual dos conhecimentos a cunhagem é desconhecida;
- Tratar-se em qualquer caso de uma cunhagem irregular;
- Ser uma falsificação antiga cunhada na época romana, ou poder ser uma falsificação moderna.

Esta última possibilidade levou-me a estudar o problema das falsificações - época, metais, técnicas, cópias ou fantasias. (7) (8) (9) (10)

É difícil saber o que se passou na cabeça do falsificador e quais os fins que pretendeu atingir.

As circunstâncias do achado merecem confiança, o estado em que se encontrava antes da limpeza e o seu escasso valor comercial são de considerar.

A peça parece ter sido cunhada na época.

A observação de grande número de sestércios deste período, mostra a grande variedade de cunhos, bustos, tipos e dimensões das letras. (11) (12) (13)

Ter sido alterado o anverso utilizando um exemplar genuíno de Hostilianus ou H. Etruscus, apagando a legenda original e criando outra sem deixar vestígios à observação no microscópio binocular, executada por artista nos séculos XVIII ou XIX, não deixa de ser sugestão aliciante.

Seja qual for a sua origem, ao fim e ao cabo não deixa de ser um achado interessante.

Resta-nos aguardar que alguém tenha conhecimento de uma peça semelhante e comunique a sua existência.

BIBLIOGRAFIA

(1) - MATTINGLY H. e SYDENHAM, E. *The Roman Imperial Coinage*, Vol. IV, London, 1994, p. 136.

(2) - *Idem* p. 132.

(3) - A. BELTRAN MARTINEZ, *La moneda Romana - El Imperio*, Madrid, 1986.

(4) - DAVID SEAR, *Greek Imperial Coins*, London, 1982.

(5) - SYLLOGG NUMMORUM GRAECORUM, *The Royal Collection*, Copenhagen.

(6) - VON AULOCK, *Collection of Greek Coins from Asia Minor*.

(7) - A. TEIXEIRA DE ARAGÃO, *Moedas Romanas no Gabinete de Numismática d'El Rei D. Luiz*. Lisboa, 1870. (Págs. 87 e seguintes: falsificações).

- (8) - A. ORTIZ BARRERA, *La moneda Antigua*, Sevilla, 1995,
- (9) - ZANDER H. KLAWANS, *Imitations and Inventions of Roman Coins*, Santa Monica, 1977.
- (10) - WAYNE G. SAYLES, *Classical Deception*, E.E.U.U., 2001.
- (11) - WAYNE G. SAYLES, *Ancient Coin*, (R.P.C.), E.E.U.U., 1998.
- (12) - PIERRE BASTIEN, *Le Buste Monétaire des Empereurs Romains*, Belgique, 1992.
- (13) - ROMAN IMPERIAL SESTERTII, *The Friederich Collection*, Zurich, 1995.
- (14) - DAVID L. VAGI, *Coinage and History of the Roman Empire*, Vol. I, E.E.U.U., 1999.
- (15) - R.A.G. CARSON, *Coins of the Roman Empire*, London, 1990;
- (16) - R.A.G. CARSON, *Coins of the Roman Empire in the British Museum*, Vol. VI, London, 1976.

